

REVISTA ELETRÔNICA 35ª

TROPA DE

PIRATARIA

ELITE

www.brasiliano.com.br

ISSN 1678-2496N

Março - Abril 2008 | Edição 35ª

REVISTA ELETRÔNICA 35^a

PIRATARIA

SUMÁRIO

PIRATARIA E FILME TROPA DE ELITE SUGEREM AÇÕES ESPECIAIS 7

Sidney Mem de Sá

VIOLÊNCIA NO BRASIL PRECISA SER COMBATIDA COM REESTRUTURAÇÃO 13

Wendell Cardoso da Silva

QUALIFICAÇÃO DE ADULTOS EXIGE ATENÇÃO ESPECIAL 16

Cláudio dos Santos Moretti

A Revista Eletrônica Brasileiro &
Associados nº35 é uma publicação
bimestral. Reservado todos os direitos.

Diretor Executivo: Antonio Celso Ribeiro Brasileiro

Diretora de Treinamento: Enza Cirelli

Projeto Gráfico e Editoração: Marina Brasileiro
e-mail: mbrasiliano@gmail.com





AUTO – ENGANO: A MIOPIA ÉTICA

Como é possível uma sociedade enganar-se a si própria? Como podemos mentir para nós mesmos e acreditar na mentira ou remar de costas rumo a um objetivo?

Qual o lugar, o valor e interligação dos projetos, desejos e aspirações de cada pessoa em particular – ética pessoal – no contexto da convivência em sociedade – ética cívica?

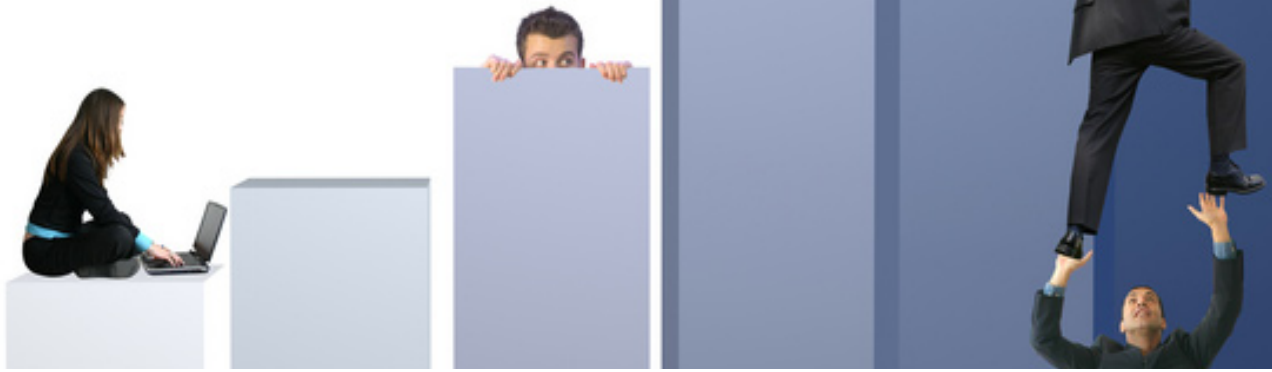
“Todas as grandes tentativas, são arriscadas, e é verdadeiro o provérbio segundo o qual aquilo que vale a pena nunca é fácil!” (Platão em a República).

Estamos vivenciando hoje na nossa sociedade (não só na sociedade brasileira, mas como sou brasileiro, tenho que falar dela, pois é nela que vivo e sobrevivo), de uma forma direta a queda dos valores morais. Esta queda dos valores morais é resultado de dois conflitos: o interpessoal (disputa entre nós e eles) e o intrapessoal (nós agora e nós depois – futuro). O conflito intrapessoal envolve o exercício contínuo de uma autoridade interna, que pode afetar a noção do valor no tempo, fazendo com que a parcialidade moral impacte a percepção que as pessoas tem de si e a sua interação com os demais. Entram neste contexto as decisões de longo prazo – estratégicas – como as de curto prazo – táticas. As duas são tomadas no presente, mas com horizontes diferentes. As estratégicas visam a realização de objetivos mais estruturados e permanentes, enquanto as táticas são objetivos e resultados imediatos, podendo ser, dependendo da decisão, meras ações sem valor para o futuro.

Escrevo isto porque hoje as fraudes nas empresas crescem em proporções geométricas, e quando digo fraude, digo fraude no sentido amplo da palavra. Fraude como conceito de burlar não só as regras empresariais, o código de conduta, mas sob o ponto de vista moral e ético.

As pessoas formam a empresa, a sociedade empresarial, portanto as pessoas não podem estar movidas só pela satisfação imediata, mesmo sabendo que suas ações são contra-producentes no longo prazo. Chamo isso de MIOPIA ÉTICA, pois leva a traição dos valores morais. A parcialidade moral, possui como resultado direto o auto-engano, ou seja, quando as pessoas legislam em causa própria.

Ano passado, em 2007, o Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, o delegado Federal José Mariano Beltrame, em entrevista a Revista Veja afirmou que não existe mais crime famélico, ninguém mais pratica o delito por pura necessidade, mas sim



para e pela estrutura criminosa hoje existente na cidade do Rio de Janeiro. Afirma também que a sociedade carioca é conivente pelo status quo vigente. Ou seja a atitude das pessoas colabora para a manutenção do ciclo vicioso. Indo desde o pagamento de uma “cervejinha” ao policial para escapar da multa de trânsito, pagamentos para as “comunidades”, entende-se facções criminosas, com o objetivo de realizar distribuição de seus produtos com tranquilidade, até a sonegação de impostos (por exemplo o caso da Cisco Brasil). Beltrame afirma ainda que no Brasil, e no Rio de Janeiro em particular, a convivência promiscua entre o legal e o ilegal, o formal e o informal, provoca a manutenção ambígua do “status quo” da cidade do Rio de Janeiro.

Tenho que concordar em gênero número e grau, a sociedade possui uma visão de curto prazo. As pessoas legislam em causa própria sim, não querendo enxergar as co-responsabilidades. Não assumem a parcela de responsabilidade, tanto a pessoa como a empresa. O problema da miopia ética pode ser retratado de forma magnífica pela tradição poética grega em torno dos perigos enfrentados pelos navegantes ao ouvir o canto das sereias. Doce caminho, amargo fim!!! A literatura grega registra duas soluções vitoriosas. Uma delas foi a saída encontrada, no calor da hora tendo Orfeu, o incomparável gênio da música e da poesia na mitologia grega. Conseguiu tocar uma música mais doce e sublime que o canto das sereias. Evitou assim que seu navio fosse atraído. A outra solução foi a encontrada pelo Ulisses, o herói da Odisséia. Para evitar ser atraído pelo canto das sereias, faz com que seus homens tapassem seus ouvidos com cera, menos o dele, pois ele queria ouvir e sentir a atração. Exigiu que o prendessem ao mastro e que ignorassem as sua ordens. Esta medida evitou também que seu navio fosse atraído.

Lição para os seus executivos: Ulisses estava ciente de que não resistiria. Saber não basta!!O que salvou Ulisses não foi a consciência da falsidade moral, mas a sabedoria de não superestimar em momento algum a sua capacidade de resistência ao poder de sedução das sereias. Atando-se ao mastro do navio, ele abriu temporariamente mão de sua liberdade de escolha no presente para salvar a sua vida e liberdade futuras.

Os mares empresariais estão infestados de “sereias”. Alguns destes cantos podem ser: “vamos economizar, aumentar nossas margens, sonegando impostos, abrindo empresas intermediárias”; “vamos cumprir metas financeiras, fazendo caixa, mudando prazos de pagamentos, não importando com os fornecedores e parceiros”; “vamos pagar para a polícia fazer nossa proteção e nossa investigação”; “vamos fazer acordos com a comunidade



para poder entregar nossos produtos”; “vamos pagar cervejinha aos guardas para que nossa frota possa circular”; e muitos outros que conhecemos e que grande maioria ainda pratica!!!!!!!!!!

Qual seria então o mastro que devemos nos amarrar?? A única segurança duradoura é o comprometimento com a responsabilidade, a franqueza, o respeito e a integridade. Quando não estamos seduzidos e atraídos, sabemos que estes valores são a chave para o sucesso e auto-estima. Por isso é fundamental que os executivos de forma geral “prendam-se ao mastro” da ética.

Somente seguindo e mais importante, acreditando, na ética é que poderemos dar exemplo e guiar nossas equipes até um porto seguro. As regras impessoais da ética cívica são necessárias. Elas existem não para nos salvar, mas para nos proteger uns dos outros e de nós mesmos.

Eduardo Giannetti escreveu na últimas páginas de seu livro o Auto-Engano: “ O grande desafio é encontrar o equilíbrio entre as exigências da ética cívica e as demandas da ética pessoal. Os riscos e as ameaças, como sempre, estão nos excessos de ambos os lados. A passagem é estreita. Nenhuma solução é definitiva. Toda vitória é parcial, cada avanço traz novos desafios e qualquer conquista é passível de retrocesso. A prevenção do mal ajuda, mas não sacia o desejo humano de encontrar o bem. Navegar é preciso. Ouvidos bem abertos, olho na bússola, mastro à mão.”

Cada homem faz seu próprio naufrágio

“

Lucano (poeta romano do século I DC)

”

Boa leitura e sorte!

Antonio Celso Ribeiro Brasileiro

Publisher

abrasiliano@brasiliano.com.br

PIRATARIA E FILME TROPA DE ELITE SUGEREM AÇÕES ESPECIAIS

Sidney Mem de Sá*



Economia informal da indústria do crime exige manutenção de lucro e este objetivo afeta também as empresas de segurança que precisam investir no planejamento e no treinamento de pessoal

O filme Tropa de Elite, do diretor José Padilha, inspirado no livro Elite da Tropa, de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel, o primeiro ex-secretário de segurança pública e os outros dois ex-membros do Bope- Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, estreou em setembro passado. Mesmo antes de entrar no circuito comercial, uma polêmica foi estabelecida quando cópias piratas abasteceram o mercado clandestino de DVDs e foram ilegalmente baixadas pela internet.

Sem entrar na discussão se foi ou não uma jogada de marketing, existe uma projeção, segundo a revista Época, de 24 de setembro, de uma arrecadação, ainda que inicial, para a indústria da criminalidade do Rio de Janeiro, de algo em torno de R\$ 3 milhões na distribuição de 300 mil DVDs ilegais vendidos por camelôs por cerca de R\$ 10 cada. O prejuízo dos produtores é ainda maior se forem acrescentadas as 43 mil cópias baixadas pela internet por sites ilegais de downloads.

No caixa da criminalidade se pode somar as “continuações” piratas vendidas com os nomes de Tropa de Elite 2 e 3. A primeira é o documentário do diretor João Moreira Salles, Notícias de uma guerra particular”, realizado em 1999. A segunda, uma produção pirata com imagens de tiroteios entre o Bope e bandidos veiculadas por telejornais. São altas somas projetando estes valores para um Brasil, alimentando o poder de persuasão dos criminosos e seus reflexos para a sociedade.



Outro foco de discussão é a questão social, um dos cenários centrais do filme, sobre a criminalidade nas favelas ser fruto de necessidades ilegais dos consumidores do “asfalto” e a falta de perspectiva econômica dos moradores do morro, como também a falta de políticas públicas de “ocupação” do estado pela educação, saúde e infra-estrutura urbana, que acaba sendo exercida pelos chefões do tráfico.

Aqui, o que se quer abordar é a relação entre o tema e o gestor de segurança nas empresas e também do consultor nesta área. Cada vez mais que pessoas, opinião pública e meios de comunicação têm acesso ao filme, a discussão é inevitável e muito abrangente: a violência policial, a dos criminosos, a corrupção policial, os dramas de consciência de policiais

honestos, as discussões sociológicas sobre a criminalidade na universidade, a ação de ONG's não éticas com complacência e colaboração com o tráfico, o uso de tóxicos pela classe média, a ineficiência do estado em planejar e agir com inclusão social, combate à corrupção, segurança pública ineficiente.

Temos que estar preparados para opinar com base em fundamentos que reflitam nossa experiência no mister da segurança empresarial e patrimonial em uma análise prospectiva da discussão do ponto de vista sobre as ações policiais, da visão da sociedade e das conseqüências do ingresso do dinheiro da pirataria, das drogas e dos roubos, de como tudo isso afeta a sociedade, bem como atinge as empresas em que trabalhamos.

Para a melhor estruturar uma análise se pode partir da premissa estabelecida por Clausewitz, em seu livro "Da Guerra", reconhecido como um dos maiores trabalhos clássicos sobre teoria militar, e identificadas em "Clausewitz e a Estratégia", no que diz respeito à lógica da causa e efeito e de se ter o foco na compreensão histórica, sociológica e psicológica do fato a ser observado para que possamos ter opinião sobre o assunto com uma visão holística.

O que o gestor de segurança pode esperar da discussão sobre os aspectos históricos e sociológicos do filme Tropa de Elite e seus reflexos nas empresas e na sociedade?

Quanto aos aspectos históricos do ano em que se passa a trama, 1999, podemos lembrar dos seguintes fatos: sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, na economia existia a expectativa de uma melhora, já que no cômputo internacional aquele foi um ano conturbado. O PIB teve um crescimento em torno de 0,5%, a inflação foi de 8,29%, subia mas não explodia como se esperava, o índice de desemprego estava na casa dos 7,5% (um contingente aproximado de 5,5 milhões de trabalhadores não tinha ocupação). Sob estes aspectos, o que mais preocupava o brasileiro era o medo de perder o emprego (76%). A segunda preocupação era a questão da saúde (41%) e das drogas (40%). A segurança estava em quinto lugar (28%) de sete itens pesquisados. Só em investimentos estrangeiros, o Brasil recebia cerca de 29 bilhões de dólares na ampliação de parques industriais ou na compra de ativos de companhias nacionais e das estatais privatizadas.

Na atual conjuntura, sob o governo de Luiz Ignácio Lula da Silva, temos um PIB projetado para 2007 de 4,7%, uma inflação prevista em torno de 4,1 (IPCA) e o índice de desemprego atingiu 8,5% em 2006. Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e de acordo com uma pesquisa de 2006, durante a campanha presidencial, a



preocupação dos eleitores era em primeiro lugar com a geração de empregos (52%), depois os investimentos em saúde e educação (36%), o combate ao crime organizado (31%) e o combate à corrupção (23%).

O que estas informações mostram? E o que fazem pensar? Esta é uma discussão que com certeza permeia todos os corredores das empresas. O quê, nos sete anos entre o cenário do filme e os dias de hoje, são as maiores preocupações dos brasileiros? Ao que tudo indica, após as questões de emprego e renda, são as questões sociais e de segurança que mais afligem pois influem diretamente na qualidade de vida e no futuro das gerações. Daí os calorosos debates sobre a atuação policial e de qual a forma de segurança pública para combater a violência e o tráfico de drogas.

As pessoas, movidas pela emoção de um filme bem elaborado e sob o ponto de vista dos policiais, podem ser traídas a acreditar que nos morros só vivem bandidos e não conseguem imaginar que em seu meio, na família e dentro das empresas há pessoas honestas que por diversos motivos moram nos morros ou nas periferias e favelas e nos fornecem a mão-de-obra necessária ao conforto e na continuidade empresarial. Elas também não podem acreditar que os mais cruéis criminosos morem em casas e apartamentos luxuosos, em bairros nobres, como também possuam automóveis geralmente caros e blindados, e que usam ternos caros e de grife.

Esta visão unilateral foi a mesma utilizada pelos sistemas políticos autoritários da história recente, principalmente os que se instalaram em países europeus antes da Segunda Guerra Mundial, cuja obsessão era a limpeza étnica, a ordem dos ambientes e que tinham como solução a busca da pureza "para colocarem as coisas em seu lugar", eliminando tudo o que significasse impureza ou sujeira do sistema. Ou talvez seja a visão de se manter os marginais do sistema (desempregados, sub-empregados e trabalhadores no mercado informal) encarcerados em prisões em nome da segurança e tranqüilidade dos incluídos e não na construção de uma sociedade que possa proporcionar a oportunidade a todos pela educação, saúde, justiça e previdência.

A visão de que a polícia, no lugar de atuar na prevenção e investigação, torna-se juiz ao decretar a solução final ao indivíduo, sem que este tenha a oportunidade de um julgamento justo (não se deve esquecer que no Brasil não existe a pena capital). Não se deve ser ingênuo. Na situação de guerrilha urbana em que vivemos nas favelas ou periferias das cidades, o policial, por melhor preparado para ações de confronto, é um ser humano com relações familiares e afetivas como qualquer outro cidadão e até instintivamente vai primeiramente se defender e não ter em mente a máxima de um grito de guerra que diz que sua missão é "entrar pela favela e deixar corpo no chão", frase que já é entoada entusiasticamente por jovens bem nascidos que assistiram o filme. Este não deve ser um princípio que norteie a missão das operações policiais.





Estudos nacionais e internacionais demonstram que nem sempre o aumento dos gastos públicos com a polícia se traduz em melhor percepção e em segurança para a população. Por este motivo, as pessoas e as empresas cada vez mais utilizam a segurança privada para ter uma sensação maior de proteção.

Segundo dados constantes da Análise dos Custos e Conseqüências da Violência no Brasil, de 2000 a 2005, os custos sociais com a segurança privada cresceram a uma taxa anual de 3,2%, o que reforça a afirmação. A leitura do texto “O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil”, aborda bem a questão sobre a criminalidade, com enfoque nas ações de segurança pública no Brasil, e ajuda a compreender que a solução não passa apenas pelo aumento de verbas ou de efetivo no aparelhamento policial. Uma frase explícita parte da conclusão dos autores: “...nada mais distante da perspectiva adotada nas últimas décadas pelos países que obtiveram êxito no controle e diminuição da criminalidade: do consenso acerca da necessidade de planejamento e atuação integrada nas condições sociais que encorajam o crime e a vitimização e na atuação do aparelho repressivo”.

Nesta linha de pensamento, uma referência na ruptura do status quo estabelecido, está o trabalho desenvolvido pelo chefe de polícia Willian Joseph Bratton, mais conhecido por Bill Bratton, nomeado comissário de polícia da cidade de Nova Iorque, em fevereiro de 1994, pelo prefeito da cidade, com o desafio de reverter o cenário de alta criminalidade e o sentimento de insegurança da população, como também a descrença dos 36 mil policiais devido à falta de verbas, equipamentos inoperantes e corrupção desenfreada.

Em menos de dois anos, Bill Bratton transformou a situação de caos para tornar Nova Iorque uma das cidades mais seguras dos Estados Unidos. A criminalidade geral caiu em 39%, os assassinatos, em 50% e os roubos, em 35%. O índice de percepção de segurança da população cresceu de 37% para 73%, o nível de satisfação dos policiais nunca esteve tão alto e o índice de criminalidade continua em queda. O feito mais impressionante é que tudo foi realizado se utilizando recursos disponíveis, sem aumento de verbas e atingindo os resultados antes do período esperado.

A estratégia utilizada está bem descrita em A estratégia do Oceano Azul, da Editora Campus, no capítulo intitulado “Supere as principais barreiras organizacionais”, leitura obrigatória para o entendimento de uma ação de quebra de paradigmas.

Por mais paradoxal que possa parecer, o foco do gestor de segurança é apenas prover a vigilância e o controle de segurança patrimonial. Deve estar preparado para enfrentar o campo da compreensão da sociedade e da segurança pública na discussão das atividades e como especialistas deste mister, pois a empresa e seus colaboradores esperam ouvir, e com certeza analisar, uma opinião sobre o assunto e o grau de clareza e esclarecimento que se explora a questão.

E por que não tratar deste assunto com empregados ou com ONGs patrocinadas em empresas que possuem um grau mais elevado na expressão de responsabilidade social? Por que este assunto não pode fazer parte de uma palestra inserida em uma Sipat, em um seminário específico, ou também como tema de uma reunião gerencial? São perguntas que devemos inserir no cotidiano. Ou como insiste mestre Antonio Brasiliano, deve-se estar preparado para “pensar fora da caixa”.

E o que dizer a respeito dos reflexos da criminalidade em relação à obtenção de recursos adicionais advindos da pirataria do filme? E o que isto representa de risco para as empresas?

O orçamento do filme Tropa de Elite foi de R\$ 10,5 milhões. Se projetarmos a provável arrecadação clandestina em apenas seis grandes capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre), o valor pode chegar a R\$ 18 milhões nas mãos de criminosos. Se este dinheiro estivesse nas mãos do produtor, o filme já estaria pago, os investidores teriam o retorno com lucro do valor investido e o governo recolhido os impostos devidos que retornariam à sociedade através dos investimentos em infra-estrutura básica, moradia ou de ações de cunho social.

O jornal inglês The Guardian publicou um relatório das Nações Unidas mostrando que o crime organizado movimenta US\$ 2 trilhões no mundo. Deste total, US\$ 520 bilhões provêm de falsificações e pirataria e US\$ 1 trilhão é destinado à corrupção. E para onde vai o dinheiro da criminalidade? Não se pode afirmar com certeza, pois ações ilícitas não propiciam, como nos meios formais, uma forma de medição da destinação do dinheiro arrecadado, mas podemos fazer uma análise utilizando meios empíricos. Fazendo uso da proporção na informação da ONU e da projeção, em parte, da arrecadação da pirataria do filme podemos imaginar que se em torno de R\$ 20 milhões forem para os criminosos, talvez o valor fosse dividido: 20% para a confecção, distribuição e comissão do vendedor e do “fabricante”; 50% para a corrupção da fiscalização e controle; 10% para a manutenção da estrutura criminal; 5% de dividendos para a cadeia (em todos os sentidos da palavra) dos “controladores da estrutura” e finalmente 15% para o reinvestimento (compra de armas, equipamentos de comunicação etc), ou seja, algo em torno de R\$ 3 milhões, que estará no “mercado” para ser utilizado em ações que possam resultar em maiores “lucros” e cada vez mais “poder” paralelo.

Com as informações da ONU, outros R\$ 20 milhões (tomando apenas como referência a pirataria do filme) virão de outras ações que não têm origem em pirataria e falsificações. Ou seja, vêm de crimes praticados contra o patrimônio de pessoas e de empresas. É aí que o problema afeta gestores em segurança. Este valor empregado em armamentos financiará ações contra o patrimônio de empresas e contra nossos empregados.

Nas ações contra as empresas podemos citar o roubo de caixas eletrônicos, assaltos a bancos, a empresas de guarda de valores, roubo no transporte de produtos e tudo aquilo que possa manter o caixa da criminalidade e o status quo dos chefões livres ou encarcerados.

A certeza é que a economia informal da indústria do crime exigirá a manutenção de lucro e neste objetivo seremos um dos alvos a serem atingidos. Então o investimento em segurança, principalmente no planejamento e no treinamento de pessoal, é elemento primordial para o questionamento com as gerências superiores no momento em que os orçamentos estão sendo discutidos, analisados, quantificados e definidos.



Onde é que os gestores de segurança se inserem neste tema? Tudo indica que as ações dos criminosos sobre as pessoas não tendem a diminuir. Então, com certeza, nossos colaboradores, principalmente por estarem empregados (e isto se materializa pelos bens que podem adquirir como carro, casa, vestimenta, hábitos de consumo) se tornam visíveis aos interesses criminosos e serão certamente um potencial a ser escolhido.

Quando um colaborador é vítima de um ataque criminoso, toda a empresa é afetada, não só a produtividade daquele posto de trabalho. Conforme a intensidade e o resultado da ação, ela acarreta danos aos colaboradores mais próximos da vítima que ficam emocionalmente incapacitados para manter a melhor de suas competências laborativas. Às vezes, um trauma pode gerar no ambiente corporativo até a quebra da produção que, mesmo em um curto período de tempo, resulta em prejuízos.

Uma das formas de combater estes problemas são as palestras sistemáticas sobre os cuidados com segurança pessoal dos colaboradores, a manutenção atualizada de contato com autoridades de segurança e a atualização e interpretação dos índices de criminalidade da região dos escritórios e sites das empresas para que se possa programar as ações de segurança e ser uma das fontes de orientação para as palestras.

Como um tema tão intensamente discutido como o filme Tropa de Elite e sua repercussão no país pela mídia e pelas pessoas pode influir no dia-a-dia e fazer parte de nossas atividades como gestores de segurança?

Em um mundo cada vez mais globalizado não só as transações mercantilistas entre países, culturas, troca de informações, internet, tv a cabo e em todas as áreas do conhecimento humano acabam por interagir e influenciar resultados comerciais, emocionais e ambientais. É necessário ter uma visão holística do mundo, do país e das empresas que esperam uma mudança de atitude e de comportamento para que possamos nos inserir nas decisões estratégicas das altas gerências das companhias que percebem a necessidade de profissionais atentos na transformação global, com uma visão de segurança alinhada aos cenários atuais de incertezas e das expectativas de futuro. E que principalmente contribuam para os resultados das empresas esperados pelos stakeholders e pela sociedade em que vivemos.

Sidney Mem de Sá atua na área de Segurança Empresarial da Petrobras. É graduado em Administração de Empresas, MBS pela Brasiliano & Associados / Fecap, pós graduado em Economia do Trabalho pela Unicamp, MBA em Comunicação Empresarial pela FIA /Petrobras



VIOLÊNCIA NO BRASIL PRECISA SER COMBATIDA COM REESTRUTURAÇÃO

Wendell Cardoso da Silva*



Desigualdade socioeconômica, falta de educação e de saúde também ajudam a aumentar índices

Nos últimos anos, os brasileiros entraram no grupo das sociedades mais violentas do mundo. Hoje, o país tem altíssimos índices de violência urbana com assaltos, seqüestros e extermínios além da violência doméstica contra a mulher, em geral praticada pelo marido, crianças e idosos.

Muito se discute sobre a violência no Brasil e muitos especialistas apontam vários motivos das causas, mas todos concordam que o principal motivo é a desigualdade socioeconômica existente no país. A má distribuição de renda é o combustível que faz com que a violência cresça na sociedade como um todo.

O Brasil é um dos países com enorme desigualdade social do planeta, ficando atrás até de países africanos. No Brasil, 90% da riqueza está concentrada nas mãos de 1% da população, segundo pesquisa do IBGE.

As regiões Norte e Nordeste são as mais afetadas pela pobreza e pela falta de recursos, o que faz com que os moradores destes locais migrem para outros em busca de uma qualidade de vida melhor.

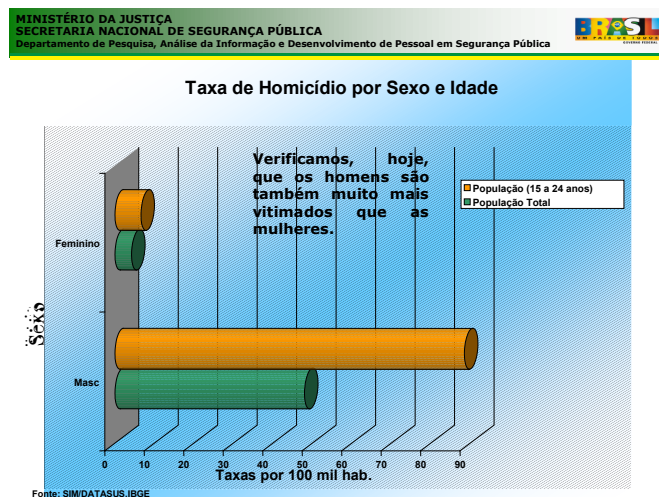
Outro fator que contribui para o aumento da violência é o crescimento desordenado das áreas urbanas. Com o surgimento dos grandes centros também surge a concentração de renda e isso atrai as pessoas de regiões mais pobres do país a migrar para estas cidades. As cidades cresceram sem planejamento o que acarretou a formação de grandes bolsões de pobreza em torno dos grandes centros que nós conhecemos como periferia.

A periferia é uma forma de exclusão social que fica evidente pela falta de organização do crescimento das metrópoles. As regiões periféricas não têm um custo de vida alto e as famílias que nela residem têm uma renda de até seis salários mínimos.

Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), de 1970 a 2000 a população brasileira aumentou em 86 milhões, passando de 52 para 138 milhões. E hoje, segundo dados do IBGE, somos mais de 180 milhões de brasileiros.

Com o crescimento das cidades também aumentou o número de homicídios. Segundo a Secretaria Nacional de Segurança Pública, em 1980 eram 11 homicídios por 100 mil habitantes e em 2000 foram registrados 27 homicídios por 100 habitantes. Menos de 1% dos municípios brasileiros concentraram 50% dos homicídios e 25% da população nacional em 2000, sendo Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo os estados que registraram os maiores índices de homicídios. Nestes estados as taxas de homicídios de jovens de 15 a 29 anos cresceram acima dos 100%.

Hoje, grande parte das vítimas de homicídio no Brasil são pessoas com idade entre 17 e 23 anos do sexo masculino. Abaixo temos um gráfico da Secretaria Nacional de Segurança Pública que mostra que os homens, no caso em Recife, morrem muito mais como vítimas da violência.



Grande parte destas mortes se deve também à venda indiscriminada de armas de fogo, pois 74% dos homicídios no país são causados por elas.

O tráfico de armas é constante no país e o governo federal não consegue impedir ou combater adequadamente este tipo de crime. O fácil acesso às armas de fogo faz com que os índices de homicídios no Brasil sejam maiores do que em países que estão em guerra. Nos morros cariocas, as facções criminosas usam armas que são de uso exclusivo do Exército. Em muitas operações realizadas pela polícia nos morros foram encontradas armas de vários calibres e até lança foguetes, granadas e outros artefatos com auto poder de destruição que os traficantes usam para combater facções rivais e a polícia. As armas vêm de outros países, mas existe também armas que são desviadas da própria polícia.

A falência do sistema de justiça criminal também é um condicionante para o aumento da violência do Brasil. Um

exemplo da ineficácia da Justiça criminal está em Pernambuco onde, segundo dados do IML e do Ministério Público do estado, de 1998 a 2000 ocorreram 8.778 homicídios, destes apenas 4,42 tiveram inquéritos encaminhados ao Ministério; prosseguiu a denúncia para a Justiça somente 3,25 e 0,03 dos crimes tiveram julgamento.

Falta de educação

A falta de educação também é um fator condicionante para que aumente a violência no país. Segundo dados do Ipea, a maioria dos homicídios ocorre com pessoas que tem de um a três anos de estudo. Não é difícil imaginar por que. O mercado de trabalho está cada vez mais exigente e a educação de qualidade atinge um seleto grupo da sociedade, agravando assim a diferença sócio econômica. A educação é a base para formação do cidadão, porém muitos não têm fácil acesso a ela. Logo, são excluídas automaticamente.

Sem uma boa educação não se tem um bom emprego, então o cidadão tende a procurar alternativas para seu sustento e acha no crime uma saída para esta situação.

O governo não investe de forma pesada na educação e até as faculdades públicas que deveriam ter vagas destinadas para a população sem condições de bancar seus estudos são freqüentadas por pessoas de classe média alta e alta, forçando os que não têm muitos recursos a estudar em faculdades particulares. Isto faz com que aqueles que não possuem recursos abandonem os estudos.

O ensino público nas últimas duas décadas teve mudanças que, de forma geral, não atenderam a necessidade da população e fizeram com que sua qualidade diminuísse. Cada vez mais se reprova menos e as pessoas chegam ao final do colegial sem saber o básico das disciplinas.



Responsabilidade social

A polícia que tem o dever de manter a paz nas cidades é muito mal vista pela população e muitas vezes é a causadora do aumento da violência. Os políticos pensam cada vez menos na população e se preocupam em ganhar mais poder por meio da corrupção que atinge todas as esferas do poder. A população a cada dia se vê sem saída diante de tantos desvios de condutas daqueles que tinham como dever dirigir o país de forma correta.

O governo luta contra a violência de forma errada, pois combate o crime organizado ao invés de combater as origens da violência. Muitos especialistas e sociólogos dizem que seria mais fácil empregar o dinheiro que é utilizado na compra de armas e para comprar livros e evitar que as crianças entrem no mundo do crime.

Os investimentos em projetos sociais são baixos e cada vez mais se torna importante a participação das empresas na chamada responsabilidade social, que tem desempenhado um papel importante na sociedade.

O governo continua fazendo baixos investimentos em educação, saúde, habitação e o custo de vida tende a aumentar, pois existe um ciclo vicioso que engloba a condição econômica do país, a desigualdade social, a falda de educação, o desemprego, os crimes, a violência, a polícia ineficiente, as esferas do poder corruptas e o aumento da desigualdade social.

O Brasil já atingiu índices de violência inaceitáveis, vivemos em meio a uma guerra urbana, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

O Rio tem problemas crônicos de violência e o governo estadual teve que pedir ajuda ao federal para tentar conter a onda de violência que assola a cidade maravilhosa. Os traficantes a cada dia conseguem melhores armas e em muitas comunidades fazem o papel do governo.

Em São Paulo, o crime organizado parou a maior metrô-

pole da América do Sul e a cada dia que passa fica mais articulado, mesmo que muitos dos seus comandantes estejam dentro de presídios.

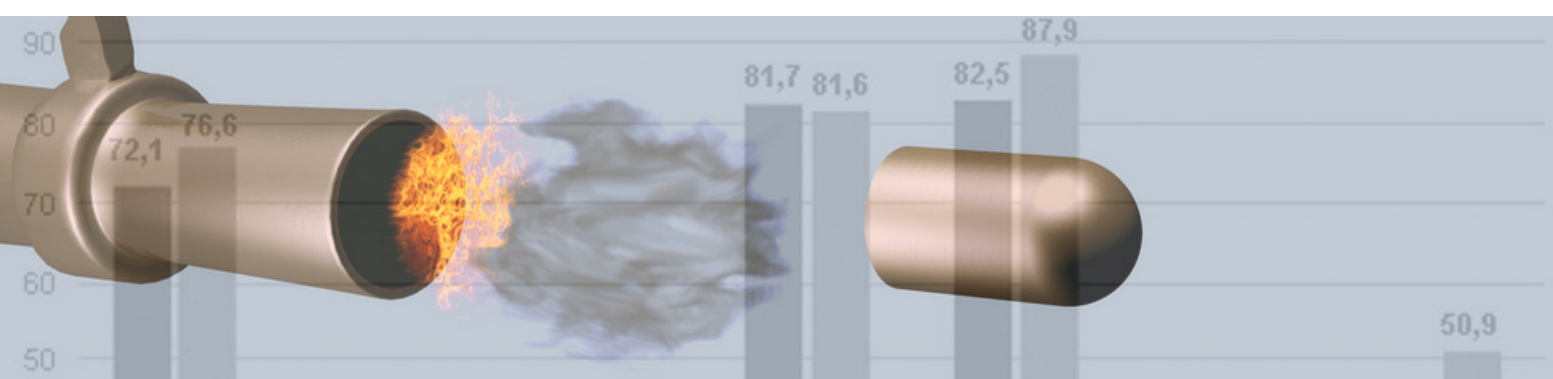
A cidade de Nova York, na década de 90, era uma das mais violentas do mundo. Com baixos e investimento e muita vontade de mudar o cenário, o governo conseguiu mudar a imagem da polícia, tida como corrupta, e da cidade que teve os índices de violência reduzidos. O que ocorreu foi um estudo das causas violência e a sintonia entre população e o governo. Com a mudança de postura da polícia e a colaboração da população, a cidade conseguiu diminuir em muito a violência.

Números distorcidos

No Brasil, por mais que se tracem números da violência eles ainda são distorcidos pelo fato de que muitas pessoas não registram o boletim de ocorrência por causa da demora que enfrentam nas delegacias, por medo de represálias ou, no caso de crimes domésticos, para evitar a punição de um parente.

Para combater a violência no Brasil é necessário fazer uma reestruturação das polícias militar e civil, investir na inteligência policial, rever a Constituição e a lei criminal, combater a corrupção no legislativo, judiciário e executivo e investir na melhoria da educação para que futuramente se possam diminuir as diferenças sociais. É necessário fazer uma distribuição de renda mais justa para que todos possam ter acesso à educação, saúde e melhorem a qualidade de vida. Em todo o mundo, países com os menores índices de violência são aqueles em que a população tem uma qualidade de vida elevada e a renda é bem distribuída.

Wendell Cardoso da Silva é pós graduando do Curso MBA Gestão de Segurança Empresarial da Fundação Escola e Comércio Álvares Penteado.



QUALIFICAÇÃO DE ADULTOS EXIGE ATENÇÃO ESPECIAL

Cláudio dos Santos Moretti*

Eles são independentes, têm experiência, comparam e analisam novas informações. São mais críticos e têm necessidade de saber o que pode trazer benefícios

A satisfação de clientes depende da atuação da força de trabalho que atua diretamente com eles. O desempenho desta força de trabalho representa uma fotografia da empresa ou, como dizem, é o cartão de visita.

Normalmente, a responsabilidade pelos treinamentos das empresas de segurança é do gestor. É ele que determina os tipos necessários para os funcionários da empresa. Ele sabe que pessoas bem preparadas passam uma imagem de empresa séria, bem administrada e gera confiança nos clientes, além da diferenciação entre concorrentes. O que é necessário para se passar este tipo de confiança é o treinamento que a força de trabalho receberá.

Outro fator importante é que o treinamento diminui perdas (de contrato, indenizações, custos com advogados etc.). Treinamento é investimento, desde que seja bem direcionado.

No segmento da segurança privada os treinamentos são cada vez mais necessários e realizados com maior frequência pelas empresas que estão dispostas a se manter no mercado.

Uma série de ocorrências relacionadas com a segurança patrimonial, e muitas com desfechos que deixam seqüelas de todos os tipos, estão acontecendo. Às vezes pessoais, às vezes de imagem e financeiras, inclusive com indenizações.

Ao se buscar as causas destas ocorrências será encontrada uma que é basilar em todas elas: a falta de treinamento.

Sempre se destaca a importância do treinamento nas empresas de segurança, sem contudo, se apresentar uma metodologia adequada para a aprendizagem do adulto. E é este o objetivo deste artigo, fornecer algumas dicas para colaborar com os treinamentos realizados nas empresas de segurança.



Aprendizagem de adultos

Com a criança, exercemos autoridade e damos proteção. Com o adulto, surge um questionamento. Ele é independente e tem experiência que será comparada com as novas informações recebidas. Com isso, ele se torna mais crítico e tem necessidade de saber o que aquele treinamento pode lhe trazer de benefícios.

O meio utilizado para aprendizagem do adulto é diferente do usado com a criança. O método utilizado baseia-se na andragogia que pode ser conceituada como a ciência que estuda a educação do adulto.

O termo andragogia foi introduzido na literatura de educação de adultos por Malcom Knowles, em 1968. Para Knowles, significa “a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender, ao contrário da pedagogia que é a arte e ciência de ensinar crianças”. Andragogia (Andragogy) vem do grego “andros” que significa homem adulto e de “gogos”, que quer dizer dirigir, educar.

Falamos em andragogia porque levamos em consideração que a pessoa que trabalha na área da segurança privada tem, no mínimo, 21 anos (exigência legal para freqüentar o curso de vigilante).

E algumas características da aprendizagem do adulto devem ser observadas: os adotemos retém 20% do que ouvem; 30% do que vêem; 50% do que ouvem e vêem; 70% do que ouvem, vêem e dizem e 90% do que ouvem, vêem, dizem e fazem. Assim, se pode concluir que quanto mais prático for o treinamento, maior será a aprendizagem.

Segundo o estudioso e pesquisador Kelvin Miller, a recordação do aprendizado se dá como na tabela abaixo:

Tipo de apresentação	Capacidade de lembrar após 3 horas	Capacidade de lembrar após 3 dias
Verbal (conferência unidirecional)	25%	10-20%
Escrita (leitura)	72%	10%
Visual e verbal (conferência ilustrada)	80%	65%
Participativa (dramatizações, estudos de casos)	90%	70%

O adulto aprende com mais facilidade aquilo que vai usar na prática, justamente porque ele visualiza a possibilidade de aproveitamento do treinamento, seja para uso no trabalho, para crescimento profissional ou pessoal.

O adulto também retém mais informações quando, além de ouvir a exposição do instrutor, ainda vê o material apresentado de alguma forma (datashow, slides, filmes etc.) e, principalmente, quando pratica o que lhe foi ensinado, por meio de exercícios ou simulados.



Interesse no problema

Para os adultos, o maior interesse é por conhecimentos de aplicação mais imediata e, por consequência, sua aprendizagem deve deixar de ser centralizada no conteúdo para se centrar no problema.

E como as pessoas aprendem?

- Através de processo associativo
- Praticando novas atitudes, conhecimentos e habilidades
- Entendendo, ao invés de decorando
- Aumentando a retenção através da repetição
- Quando estão motivadas

Para que o aluno consiga reter mais conhecimento, o ideal é que:

- Os novos conhecimentos sejam relacionados com os que ele já sabe
- O ambiente de treinamento seja adequado para o aprendizado
- O aprendizado seja estimulado
- Os novos conhecimentos sejam aplicados imediatamente
- Os treinamentos ocorram em grupos pequenos
- O instrutor valorize as suas contribuições
- Os alunos sintam-se valorizados e respeitados pelos instrutores e colegas
- A experiência de aprendizagem satisfaça as necessidades do aluno

O instrutor, por sua vez, deve tirar proveito da experiência acumulada pelos alunos, propor problemas, novos conhecimentos e situações sincronizadas com a vida real (uso de novos conhecimentos na prática); justificar a necessidade e utilidade de cada conhecimento, despertando o interesse pelo assunto.

Além disso, algumas condições da sala de aula e a forma de exposição podem melhorar o aprendizado. Por exemplo: antes de iniciar um processo de aprendizagem, os adultos têm a necessida-



de de saber por quais razões essa aprendizagem será útil e necessária.

O corpo dos adultos sendo relativamente maior do que o das crianças está sujeito a maiores pressões e estímulos gravitacionais. Em conseqüência, o conforto físico é importante para a aprendizagem de adultos. Muito pouco conforto ou em excesso podem ser prejudiciais à aprendizagem.

A própria arrumação da sala de aula pode influenciar na aprendizagem. Com cadeiras dispostas de modo a facilitar discussões em pequenos grupos, o instrutor facilita a participação dos alunos. As cadeiras não deverão estar em fileira se você quer que haja maior participação.

As inovações tecnológicas, a hiper-competição, a difusão máxima da informação, enfim todo o processo de mudanças pelo qual estamos passando nos obriga a nos mantermos atualizados, assim como a nossa força de trabalho para que possamos atingir metas. Para isso, os treinamentos sempre foram e continuarão sendo o grande diferencial entre os resultados medíocres e extraordinários.

“Investir em conhecimentos rende sempre melhores juros.” (Benjamin Franklin)

Cláudio dos Santos Moretti, CES é especialista em Segurança Empresarial (MBA) pela Fecap, professor do curso de graduação tecnológica em Gestão de Segurança Patrimonial e Pessoal da Unimonte (Santos), professor convidado pela Fecap e Brasiliano & Associados de análise de risco no curso Avançado em Segurança Empresarial – Master Business Security – MBS; coordenador de cursos da Escola Falcão – Centro de Formação e Treinamento de Segurança, em Santos, e inspetor de segurança sênior da Petrobras.

